

DOSSIÊ TEMÁTICO: SOCIOLINGUÍSTICA E INTERFACES
NA DIVERSIDADE BRASILEIRA



A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA QUILOMBOLA

SOCIOLINGUISTICS IN THE QUILOMBOLA CLASSROOM

Rosineide Magalhães de SOUSA
Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: rosimaga@uol.com.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7588-4224>

Genildo Fernandes GONÇALVES
Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: genildocvc@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0009-2284-8479>

Erildo Fernandes de SOUZA
Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: erildosouzamoral@gmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-6046-6331>

Ormezinda Maria RIBEIRO
Universidade de Brasil (UnB)
E-mail: aya@unb.br
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5911-3005>

RESUMO

Neste artigo apresentamos as experiências de professores do ensino básico, de comunidades quilombolas, que consideram a variedade linguística de sua comunidade para compor sequências didáticas para a educação sociolinguística em sala de aula, tendo em vista os pressupostos da Sociolinguística e a necessidade de se produzir material didático com conhecimentos globais de Língua Portuguesa, que contemple as diferentes realidades da cultura brasileira. A proposta aqui apresentada tem como base o Curso de Especialização ministrado na Universidade de Brasília-UnB, *Campus Planaltina*, por meio da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC).

Palavras-chave: Comunidades quilombolas. Sequências didáticas. Educação Básica. Língua Portuguesa. Sociolinguística.

ABSTRACT

In this article, we present the experiences of elementary school teachers from quilombola communities, who consider the linguistic variety of their community to compose didactic sequences for sociolinguistic education in the classroom, bearing in mind the assumptions of Sociolinguistics and the need to produce material teaching with global knowledge of the Portuguese language, which contemplates the different realities of Brazilian culture. The proposal presented here is based on the Specialization Course taught at the University of Brasília-UnB, Campus Planaltina, through the Licentiate in Rural Education.

127

Keywords: Quilombola communities. Didactic sequences. Basic education. Portuguese language. Sociolinguistics.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em língua portuguesa na escola da educação básica, vem, geralmente, em nossa mente o ensino de gramática. Esse pensamento é reproduzido para muitas pessoas, passando de geração a geração. Porém, sabemos, com a nossa experiência de sala de aula, que precisamos formar leitores/as críticos/as que dominem a leitura e a escrita de diferentes gêneros textuais da oralidade, da escrita e da multimodalidade; tenham conhecimento da heterogeneidade da língua, variedades linguísticas; e saibam lidar com ela quando necessário, dominando as normas gramaticais, principalmente, da norma mais monitorada, a considerada “padrão”, tanto na escrita como na oralidade, em diversas situações de interação.

A língua é indispensável no processo de desenvolvimento da condição da vida social humana. Ela é constituída de um conjunto de fenômenos linguísticos e extralinguísticos utilizados de acordo com as necessidades das situações sociais e com seu contexto de significados, perpassa os tempos: passado, presente e futuro, criando, desse modo, um sistema de interações entre as pessoas.

Além disso, é importante considerar no ensino de Língua Portuguesa a heterogeneidade linguística do Brasil, identificando práticas de ensino que vislumbram a variedade Linguística do Português Brasileiro (PB), pois repensar a prática de ensino,

em sala de aula, é pensar em didáticas que sejam estratégias para o estudo desse componente curricular, principalmente em comunidades tradicionais, como as quilombolas.

Nesse aspecto, destacamos a necessidade de uma mudança de postura docente frente ao próprio objeto de trabalho, seguida de uma modificação nos hábitos e atitudes docentes. Urge operar inovações tanto na escolha de novos conteúdos como na concepção metodológica. A competência na diferenciação e aplicação dos instrumentos metodológicos indicará o espaço e a autonomia profissional de cada um (RIBEIRO 2023, p.28-29).

Assim sendo, este artigo tem como objetivo sugerir experiências de professores do ensino básico, de comunidades quilombolas, que consideram a variedade linguística de sua comunidade para compor sequências didáticas para a educação sociolinguística em sala de aula.

A sociolinguística é uma área da linguística que tem vários domínios de estudo, contudo, aqui, vamos abordar, de forma simples, a variedade linguística. A variedade linguística estuda as diferentes formas de falar das pessoas, os chamados “sotaques”, de acordo com o senso comum. Porém, a variedade linguística trata das diferentes formas de se pronunciar uma mesma palavra (tia, tchia, porta poirta, colégio, culégio); de utilizar diferentes palavras para uma determinada pessoa (criança, guri, curumim), de construir diferentes frases ou orações para um mesmo sentido (qual é o valor desta camiseta? Quanto custa esta blusa? Que preço tem essa roupa? Essa blusa custa quanto?) etc. Além disso, temos a forma de falar de diferentes segmentos da sociedade: dos/as policiais, dos/as magistrados/as, dos/as médicos/as, dos/as professores/as, dos/as sufistas, das feministas, dos/as aviadores/as, dos/as marinheiros/as, os/as pescadores/as, os/as caminhoneiros/as, as rezadeiras, os/as agricultores/as etc. Ainda, vão surgindo novas formas de interação, principalmente pelas mídias sociais, facebook, blogs, tweets, whatsapp, youtube, que agregam símbolos da escrita, imagens, sons, movimentos.

Como o Brasil é formado por diferentes culturas: indígenas, africanas, europeias, asiáticas entre outras, que se espalharam ao longo do território nacional, essa junção de muitos contatos linguísticos resultou na diversidade de falares que temos no Brasil, nas regiões, nos estados, nas cidades, nos povoados, nas comunidades,

nos grupos sociais. Assim, podemos mostrar, com respeito, às pessoas, conforme sua região, na forma de falar. Por exemplo: Maria é mineira, João é nordestino, Marcelo é carioca, Joana é goiana, Kátia é baiana, Jorge é paraense.

É bom lembrar que os índios já estavam no território brasileiro quando outros povos vieram ou foram trazidos para cá, por isso nossa língua tem muita influência da cultura indígena.

Sendo assim, cabe à escola ministrar conteúdos do PB que abordem a formação linguística do Brasil, para que os/as estudantes entendam essa formação e respeitem essa diversidade. Isso pode evitar o silenciamento de muitos/as estudantes que são estigmatizados/as por causa de sua variedade linguística.

Sabemos que o papel da escola é promover o letramento escolar, de forma crítica, que conduza os/as estudantes a conhecer a diversidade linguística do Brasil e que ao final do ensino médio saibam utilizar a língua oral e escrita, conforme os gêneros textuais requeridos, em diferentes contextos sociais.

Nesse prisma, este artigo tem como objetivo, ainda, mostrar um contexto de aplicação da Sociolinguística por dois professores quilombolas na comunidade Vão de Almas. Um deles atua especificamente na Fazenda Coco, localizada na Território quilombola Vão de Almas nas proximidades da Cidade Cavalcante em Goiás, a 400 quilômetros do Distrito Federal.

A geração de dados deste artigo teve início nas aulas presenciais e *online* do Curso de Especialização em “Educação do Campo na Área de Linguagem: Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico”. Esse curso foi criado em resposta às reivindicações de egressos e egressas da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB Planaltina – FUP, que identificaram a necessidade de ampliar seus conhecimentos sobre linguagem para atuarem de forma mais efetiva em sala de aula.

A LEdoC/FUP é um curso que tem como objetivo a formação à docência e às atividades de gestão na escola do campo, habilitação em Linguagem (Língua Portuguesa, Literatura, Teatro e Artes Audiovisuais), Ciências da Natureza e Matemática. A maioria de seus/suas estudantes é nativa de territórios quilombolas, de assentamentos da reforma agrária, pessoas conhecedoras de sua realidade contextual. Essa modalidade de licenciatura já está estabelecida em quarenta instituições públicas de nível superior no Brasil: Universidades Federais e Estaduais e Institutos Federais. A

alternância é a metodologia do curso, que se caracteriza pelo Tempo Universidade (TU) e Tempo Comunidade (TC).

No TU, as turmas da LEdoC/FUP ficam na universidade em tempo integral, por cerca de sessenta dias, participando de atividades acadêmicas. Já no TC, os/as estudantes ficam em suas comunidades, quando realizam atividades práticas nas escolas do campo e na comunidade. Essas atividades são inserções orientadas pela LEdoC, assim como as atividades realizadas na comunidade. A proposta da Alternância é a integração entre os conhecimentos acadêmicos-científicos e os saberes empíricos das pessoas do campo.

Dessa perspectiva, surgiu o Curso de Especialização que foi elaborado por professores e professoras da Universidade de Brasília, *Campus Planaltina* e de outras Universidades Públicas do Brasil, da Secretaria de Educação do Distrito Federal e de outras Instâncias de Educação. Grande parte dos/das docentes do curso em tela pertencem ao Grupo de Pesquisa: Sociolinguística, Letramentos Múltiplos e Educação (SOLEDUC), certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O SOLEDUC, além de atuar na pesquisa, promove formação docente para diferentes modalidades de educação.

A turma da Especialização foi composta por 36 estudantes, dentre eles/elas, 32 mulheres e 4 homens, na faixa etária média entre 31 e 40 anos, oriundos/as das comunidades Quilombolas Kalungas da Chapada dos Vearedeiros, da região de Formosa: Virgilândia, Vale da Esperança e outras localidades do estado de Goiás; do Distrito Federal e entorno. A maioria dos/as estudantes atua na área de educação, seja como educadoras/es ou exercendo outra função de gestão em escolas do campo (a maior parte delas/es), e em escolas urbanas

O trabalho de conclusão da Especialização foi a produção de material didático produzida pelos estudantes com a orientação dos professores do curso. Das 16 unidades do material didático, foram selecionadas 2 unidades para esse artigo. O critério de escolha foi abordagem integral da sociolinguística na unidade didática e sua aplicação em uma comunidade tradicional.

SOCIOLINGUÍSTICA: UM ENQUADRE DE SÍNTESE

A Sociolinguística é a ciência que estuda um conjunto de línguas e variações linguísticas existentes na sociedade, ou seja, estuda a relação que há entre língua e sociedade. Ela tem o papel de investigar esse conjunto de variedades linguísticas, com variações específicas, e com suas mudanças no decorrer dos tempos e em diferentes contextos sociais, além de outras temáticas relacionadas ao seu escopo.

Na perspectiva da educação, precisamos ter em mente, e ensinar aos/às estudantes que a variedade linguística é formada pelos níveis de variação. Sobre essa ideia, Marcos Bagno (2017, p 470) observa que:

Ao lado da mudança, a variação constitui um dos pilares de sustentação da sociolinguística variacionista, que não tem esse nome por outro motivo, e que também costuma ser designada como teoria da variação e mudança. Trata-se de uma propriedade intrínseca, da natureza mesma da língua, de todas as línguas, que constituem sistemas heterogêneos, múltiplos e variáveis. O princípio básico da sociolinguística é, portanto: “Toda língua muda e varia”, ou seja, muda com o passar do tempo e varia no espaço, (geográfico e/ou social). Por isso, diz-se que a variação é inerente ao sistema linguístico. Numa definição bem conhecida, formulada por F. Tarallo (1986:8), “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

Dessa forma, para uma breve contextualização, registramos os conceitos básicos da área que fundamenta o tema aqui exposto.

Variação Diacrônica

Identifica as mudanças que uma língua sofre com o passar do tempo. Para isso, podemos fazer comparações de registro da língua em períodos diferentes, como mostram os exemplos retirados de Spina (1987, p. 17 e 19).

Arcaísmos – Como nem sempre é fácil distinguir uma forma arcaica de uma forma popular, uma vez que aquela é forma em desuso no seu tempo e esta é forma antiga, mas ainda vivaz, vamos arrolá-las conjuntamente:

***Fonéticos/fonológicos:** quintã (quinta); dixê (disse); geolho, giolho (joelho); almoço (almoço); instrumento (instrumento); antão (então)...*

léxicos: *asinha (depressa); bofé (boa fé); filhar (agarrar, obter); solaz (consolação); guarecer (curar); encontra (em direção a); aderência (arrimo, proteção); derrota (rumo).* É interessante notar que fenômenos linguísticos, que são considerados arcaicos, ainda são falados em algumas regiões do Brasil como *dixe* (disse), no Ceará, e *estrumento* (instrumento), no Goiás. Isso mostra que alguns usos linguísticos podem desaparecer mais rápido em alguns contextos, mas não em outros.

Variação Diatópica

Consiste na comparação dos modos de falar de lugares diferentes, veja este exemplo com o léxico e o significado conforme a visão de duas pessoas de diferentes regiões (Bagno, 2017).

Júlio, meu amigo de Campo Maior – PI, em uma de nossas conversas sobre comida, me disse que a comida que eu chamo de curau, um tipo de mingau feito de milho verde, batido no liquidificador, com leite e açúcar, é a canjica na sua região.

Variação Diastrática

Verifica o modo de falar das pessoas de diferentes grupos sociais. Veja este exemplo a seguir:

João Dias, um senhor de 61 anos, disse ao jovem médico ortopedista que estava com muita dor nas cruzes por causa de seu trabalho na obra da construção civil. O médico olhou para ele e disse “Dor nas cruzes!”. A esposa do Seu João interveio: “dor na coluna, doutor!”

Para o senhor João Dias, a expressão *dor nas cruzes* faz parte de sua variedade linguística, é uma forma peculiar que significa, para ele, dor na coluna. Certamente, João não teve acesso à escola ou a outra forma de letramento que o ensinasse sobre o esqueleto humano, principalmente sobre a classificação da coluna vertebral em: cervical, torácica e lombar. Para ele, usar esses termos da linguagem mais monitorada (BORTONI-RICARDO, 2014), isto é, científica, não é sua realidade linguística.

Variação Diafásica

É a monitoração que cada pessoa faz conforme a língua exige, dependendo da interação. Esse tipo de variação tem a ver com o comportamento linguístico das

peças em suas interações, de elas saberem escolher a melhor forma, ou seja, a mais adequada, à interação com as outras pessoas, dependendo da situação.

Variação Diamésica

Tem a função de analisar a diferença entre língua falada e língua escrita, menos e/ou mais monitorada, isto é, as variações da escrita e da fala, conforme o gênero textual e sua finalidade.

Na escola, é indispensável estudar diferentes gêneros textuais da oralidade, da escrita e da multimodalidade (textos de diferentes linguagens), observando a variação sociolinguística e os níveis de variação que eles apresentam.

133

Variação Fonético-Fonológica

Consiste nas diferentes formas de pronúncia de uma determinada palavra, como por exemplo, *porta, poirta, pohta* (pronúncia de *hot dog* do inglês). *tia, tchia; homem/homi; velho/véi; mulher/muíé; fazendo/fazeno; doutor/dotô; leite/letchi; Bandeira/bandeija*. Esses fenômenos de pronúncia e em inúmeros outros, podemos perceber na fala das pessoas, de diferentes regiões, idades, grau de escolarização etc.

Gonçalves (2015), na pesquisa com pessoas quilombolas da Fazenda Coco, identificou pronúncias de palavras sem o som do /r/ do caipira, dos gaúchos, dos letrados, e também sem o som do /r/, como mostram os exemplos: troca do som de /r/ pelo /i/ ou mudamos o /r/ de posição: *poico, paique* ou *pruque*”.

Variação Morfossintática

São diferentes formas de organização sintática, preservando o mesmo sentido, como por exemplo: *A bicicleta que a gente comprou na semana passada foi roubada hoje./Hoje, roubaram a bicicleta que a gente tinha adquirido na semana passada. Sua mãe despediu o jardineiro/Sua mãe, ela despediu o jardineiro.*

Variação Semântica

São palavras, ou expressões, que podem ter diferentes sentido dependendo do contexto de uso e da origem regional da pessoa. Por exemplo, a palavra *arrochar*

significa: *apertar, fixar, abraçar com força e, ainda, manda ver, faz o que tem que fazer, vai nessa.*

Variação Lexical

Várias palavras nomeiam a mesma coisa. As palavras *menino, guri, moleque, piá* são utilizadas, em diferentes regiões do Brasil, para caracterizar criança do sexo masculino.

Variação estilístico-pragmática

São as diferentes formas de tratar uma pessoa, dependendo do grau de intimidade entre os interagentes, como mostra este exemplo:

Um colega me relatou que sua filha só o chamava de véi. Ele disse que para ela véi virou pronome de tratamento. A gíria *véi* é muito utilizada pelos jovens na interação com pessoas de seu convívio social mais privado como pai, irmão e amigos.

Bom dia, todas e todas, saudações fraternas. O pronome indefinido *todas/todos* tomou outra significação na prática de saudação ao público. Nessa prática, essas palavras se tornaram pronomes de tratamento, ficando, em muitos contextos, no lugar de senhores e senhoras, formas de tratamento mais conservadoras. *Senhores e senhoras, tomem seus respectivos assentos, pois a conferência terá início em instantes.*

Com esses exemplos, queremos mostrar que a língua é viva, sofre mudanças constantemente, por isso não podemos, como professores/as, recorrer somente a uma gramática normativa que não representa, de fato, as possibilidades de uso do Português Brasileiro. Além de a escola ensinar a variedade linguística de prestígio, é necessário que ela trabalhe as variedades linguísticas que circulam na sociedade, para que o/a estudante compreenda essas variedades nas perspectivas de seus/suas falantes e finalidades de uso.

A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

Nesta parte do artigo, registramos uma sequência didática elaborada por dois professores quilombolas da Comunidade Vão de Alma: João e Almir (nomes fictícios).

O objetivo da sequência didática é auxiliar o professor de língua portuguesa, em sala de aula, na construção e valorização da identidade, tendo como exemplo a

identidade linguística da Fazenda Coco, o lugar de origem e de vivência professor João. Assim, ele parte do próprio modo de falar dos estudantes da sua comunidade, demonstrando o lugar, a cultura e a identidade do povo quilombola (GONÇALVES, 2015).

O Brasil é um país de muitas línguas, cada língua traz consigo a identidade de seus falantes. O grande problema é que essa grande diversidade de línguas não recebe o valor que deveria ser atribuído a elas. Algo nada diferente em relação à fala dos moradores da Fazenda Coco. Cabe, então, a cada pessoa valorizar o seu linguajar local, sabendo e aprendendo a se monitorar nas ocasiões de acordo com exigência da língua escrita (padrão) ou falada (variante) (GONÇALVES *et al*, 2020).

Assim, entendendo, ponderamos com Araújo e Ribeiro (2022, p. 171)

Se não houver, por parte da escola, o reconhecimento da diversidade linguística e sua valoração, o ensino da língua corre o risco de não cumprir com seu objetivo de, conforme Travaglia (2008), desenvolver a competência comunicativa dos educandos, e ampliá-la por meio da conscientização do que seja a língua e para que ela serve, que papel ela cumpre na interação humana e como acontece essa interação, e de noções de adequação de seu uso em conformidade com as situações comunicativas, e se prender a práticas pedagógicas irrelevantes que não terão nenhuma utilidade prática na vida dos discentes.

Com essa reflexão passamos a seguir a apresentar as propostas didáticas, pautando-nos na proposta de Schneuwly e Dolz (2004).

Título

Identidade e variação linguística

Objetivo geral

Preservar a identidade linguística dos/as moradores/as da Comunidade Kalunga Vão de Almas, Fazenda Coco.

Objetivos específicos

Mostrar para os/as estudantes a variedade da língua e, também, as diversas línguas que existem no Brasil, como exemplos de línguas indígenas, línguas de imigrantes etc.

Discutir com os/as estudantes sobre as identidades sociolinguísticas dos/as brasileiros/as, principalmente das pessoas quilombolas.

Conteúdo/tema

Variedade e variação linguística e análise da língua

Gêneros textuais

Pesquisa de Campo - “entrevista” - e transcrição da fala

Atividade 1

Explique aos/as estudantes que a sociolinguística é o campo da ciência que estuda as variações linguísticas. Ou seja, os modos diferentes, por exemplo, de pronunciar as palavras, cientificamente recebe o nome de variação linguística.

Os/as estudantes têm o direito de saber que no Brasil existem variedades da língua que são utilizadas pelos/as falantes e escritores/as do Português Brasileiro, dependendo do ambiente e da ocasião.

- a) Solicite aos/as estudantes para entrevistar e registrar as falas dos/as seus/suas colegas, seus pais, vizinhos, dentre outras pessoas moradoras da mesma Comunidade do/a entrevistador/a, isso mediante autorização dos/as colaboradores/as de pesquisa. Após a realização da geração dos dados, em sala de aula, faça uma análise das palavras faladas pelas pessoas entrevistadas, conforme a variação sociolinguística e os níveis de variação linguística.*

A proposta de ação didática do professor João nos faz refletir sobre a necessidade de produzir material didático com conhecimentos globais de Língua Portuguesa, como constam na Base Nacional Comum Curricular, mas que traga principalmente, as diferentes realidades da cultura brasileira como mostra o fragmento da fala retirada da pesquisa de Gonçalves (2015).

*Professor: ieu vô cumeiçá.. tá demorandu ...cumeicei tá **iscutanu** naun... chovê.. só cadernu aí que é pra mim vê cumo ocê feis.*

Professor.. mãe mondo uma gurdura de coco procê...oio ficô bunitu a laronja cocê feis...

Essa conversa espontânea foi realizada em sala de aula multisseriada com crianças e adolescentes de dez a quinze anos, moradores/as da Fazenda Coco. Após o professor ter passado as atividades de sala de aula, os/as alunos/as se sentiram à vontade e começaram a dialogar entre eles/elas e com o professor, no seu vernáculo, o Português Quilombola.

O modo de falar das crianças e dos/das jovens, em comparação com o modo de falar das pessoas adultas, não muda muito, mesmo frequentando a escola. Pois a convivência com seus familiares é maior do que o tempo em que eles/elas ficam na escola, por isso, ser sua variedade linguística tão marcada.

Após registrar o modo de falar das crianças e dos/das jovens, de sua comunidade, percebemos a importância de ser trabalhada a sociolinguística na Escola Fazenda Coco, porque os/as alunos/as têm o direito de saber sobre a diversidade linguística brasileira e, ainda, deve-se ensinar a variedade de prestígio, que se aprende no letramento escolar. Com esses aprendizados, as pessoas saberão utilizar a variedade linguística adequada conforme o contexto comunicativo.

É importante conhecer esses fenômenos linguísticos, pois marcas de oralidade são muito frequentes na escrita dos estudantes do ensino básico, principalmente, quando a variedade linguística dos estudantes é diferente da variedade da escola. Diante disso, quando temos esse conhecimento em relação à heterogeneidade da língua, saberemos lidar com o preconceito em relação ao modo de falar diferente e ensinar aos/às discentes o respeito às diferenças e como alcançar a variedade linguística mais monitorada (norma padrão).

Como fazer isso: precisamos ter o hábito de explorar a leitura e a escrita de diferentes gêneros textuais que circulam nas interações, isso faz com que os/as estudantes tenham acesso aos estilos de língua desde os menos monitorados aos considerados mais monitoradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar educadores/as do campo e da cidade, que conheçam a realidade dos/as estudantes, a cultura, a identidade, os saberes e a história dos/as moradores/as da comunidade, para fazer um planejamento que inclua estratégias de trabalhar a diversidade linguística e, principalmente, com o objetivo de alcançar o letramento escolar, é de suma importância. Por essa razão, chamamos a atenção para que os/as educadores/as conheçam a realidade dos/das alunos/as, o modo de falar das pessoas da comunidade, pois se isso não acontece, o trabalho na sala tende a se tornar desafiador.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. M.; RIBEIRO, O. M. Pensamento e ação: caminhos de uma pesquisa em Sociolinguística Educacional em uma escola pública de Ceilândia—DF. In: **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 16, n. 35, p. 170-185.

BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.

_____. **Nada na língua é por acaso**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Preconceito linguístico: o que é como se faz**. Editora Loyola 1999.

BAZERMAN, C. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M.; SOUSA, R. M.; FREITAS, V. A. de L.; MACHADO, V. R. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa**. São Paulo: parábola editorial, 2008.

_____. **Falar, ler e escrever em sala de aula: do período pós-alfabetização ao 5º ano**. São Paulo: parábola editorial, 2008.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: Educ, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil (2020)**. legis.senado.leg.br/norma/579494/publicacao/16434817. Acesso em: 24/04/2020.

DI RENZO, A. *et al.* (Orgs). **Linguagem histórica e memória: discursos em movimento**. Campinas-SP: Pontes, 2011.

Rosineide Magalhães de SOUSA; Genildo Fernandes GONÇALVES; Erildo Fernandes de SOUZA; Ormezinda Maria RIBEIRO. A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA QUILOMBOLA. JNT - Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. 2023. FLUXO CONTÍNUO - MÊS DE NOVEMBRO. Ed. 47. VOL. 03. Págs. 126-139. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

GONÇALVES, Genildo Fernandes. **Variação linguística da comunidade Kalunga Vão de Almas**: um estudo no contexto da Fazenda Coco. 2015. 34 f. Monografia (Licenciatura em Educação do Campo)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2015.

GUIMARÃES, T. d. **Comunicação e linguagem**. São Paulo: Pearson, 2012.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JORNAL DO TEMPO. **Previsão do tempo**.
Jornaldotempo.uol.com.br/previsaodotempo.html/brasil/Brasília-DF. Acesso em: 24/04/2020

ROBERTO, M. **Fonologia, fonética e ensino**: guia introdutório. São Paulo: Parábola, 2016.

SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia, 2. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SPINA, S. **História da Língua Portuguesa**: segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, 1987.

TARALLO, F. **Zelig**: um camaleão-linguista. D.E.L.T.A. São Paulo, vol. 2, n. 1, p. 127-144.

TERRA, E. J. D. **Práticas de linguagem**. São Paulo: Scipione, 2010.

VELLASCO, A. M. e SOUSA, R. M. **Educação e língua materna**. Brasília, UNB, 2007.